

Igreja sinodal em saída

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bordignon-Meira, André Luiz

Igreja sinodal em saída : contribuições do Papa Francisco para a eclesiologia /
André Luiz Bordignon-Meira. – São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Comunidade e missão)

ISBN 978-85-349-6126-4

1. Evangelização 2. Francisco, Papa, 1936-2025 I. Título

II. Série

26-1182

CDD 269.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Evangelização

Coleção **COMUNIDADE E MISSÃO**

- *Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias*, Marcelo Barros
- *Conclílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, João Décio Passos (eBook)
- *Sujeitos no mundo e na Igreja*, João Décio Passos (org.) (eBook)
- *Evangelho e instituição*, Marcelo Barros (eBook)
- *A teologia e a pastoral na cidade: desafios e possibilidades atuais*, Elias Wolff (org.)
- *Conclílio Vaticano II: experiências e contextos*, Rodrigo Coppe Caldeira (org.)
- *Casa comum ou globalização da indiferença? Ensaio sobre ecologia integral, fraternidade, política e paz*, Paulo Cesar Nodari
- *Profetas e místicos em terra brasileira: história, espiritualidades e lutas*, Mauro Passos; Newton D. Andrade Cabral; Wagner Sanches (orgs.)
- *Doutrina Social da Igreja: outro mundo possível*, Altiezez dos Santos; Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Francisco de Assis e a economia da fraternidade*, Domenico Sorrentino
- *Poliedro e amizade social: contribuições do papa Francisco à Doutrina Social da Igreja*, Miguel Ángel Barrios
- *Papa Francisco: um profeta dos tempos atuais!*, Paulo César Nodari
- *Igreja sinodal em saída: contribuições do papa Francisco para a eclesiologia*, André Luiz Bordignon-Meira

André Luiz Bordignon-Meira

Igreja sinodal em saída

Contribuições do papa Francisco para a eclesiologia



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Cícera Martins

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Tiago Soares Barbosa

Design

Julia Ahmed

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6126-4

Índice

6	Introdução
10	Capítulo 1 O Concílio Vaticano II na dinâmica de uma Igreja “em saída”
11	1.1. Fundamentos teológicos irreversíveis
15	1.1.1. O povo santo e fiel de Deus
21	1.1.2. A participação eclesial do <i>sensus fidei</i>
23	1.2. Características de uma Igreja “em saída”
26	1.2.1. Princípios bergoglianos e sua aplicação poliédrica
30	1.2.2. A práxis da opção da Igreja pobre e para os pobres
35	1.2.3. O diálogo e a cultura do encontro
38	Capítulo 2 A teologia do primeirear da Igreja
41	2.1. Abrir-se às surpresas do Espírito Santo
45	2.2. Os paradigmas eclesiológicos bíblicos
51	2.3. A <i>kenosis</i> eclesial do despojar-se e sair de si mesma
54	2.4. Uma instituição espiritual ou mundana?
60	Capítulo 3 O primeirear da Igreja sinodal e em saída
67	3.1. O primeirear da Igreja servidora em saída
71	3.2. Uma Igreja que se abaixa e ajoelha
75	3.3. O misericordear da Igreja em novos horizontes
77	3.4. A missão está na sinodalidade da Igreja
80	3.5. Renovação da estrutura paroquial da Igreja
86	Considerações finais
90	Referências bibliográficas

Introdução

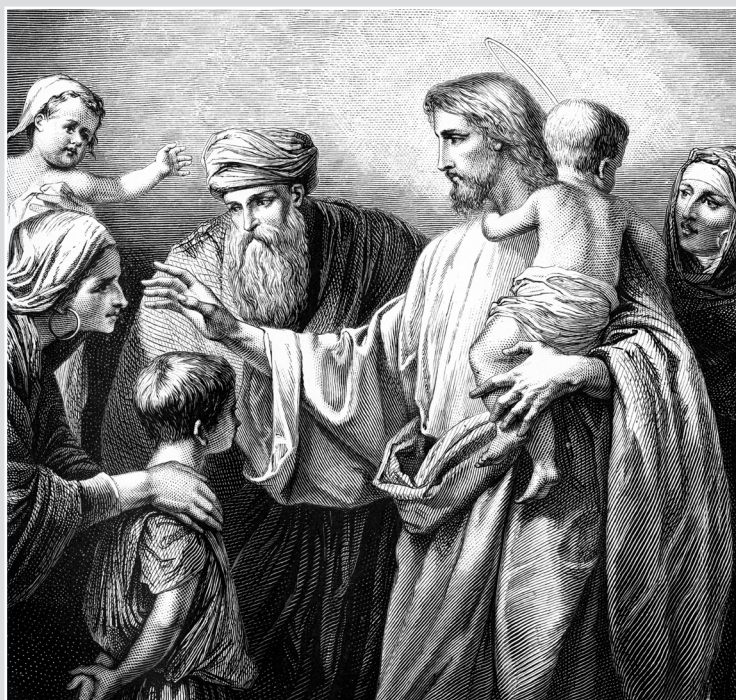
As palavras e gestos do pontificado do papa Francisco se tornaram uma proposta madura da atuação do Concílio Vaticano II, respondendo às questões desafiadoras levantadas dentro e fora da Igreja nesta mudança de época. Por isso, pensar a proposta da Igreja “em saída” é um convite para o povo santo de Deus, seus ministros e teólogos se envolverem com alegria na missão atual. Essa proposta provoca a iniciativa de se abaixar nas realidades presentes nas periferias físicas e existenciais, com aproximação e escuta. Tomar a iniciativa é *primeir*ear novos caminhos (EG 24), despojando-se de si mesmo e abaixando-se para o serviço pastoral e missionário.

O seu modo de proceder contribui para a leitura dos sinais dos tempos, fazendo a Igreja credível na sua missão evangelizadora. Tal procedimento acontece por atração e proximidade. Assim, a Igreja “em saída” não tem a pretensão de ser autorreferencial, e sim participante das decisões e rumos para uma Igreja e sociedade mais humana, fraterna e solidária. A teologia kenótica e conciliar do teólogo Hans Urs Von Balthasar contribui para avançar fundamentos da teologia fundamental e do Concílio Vaticano, pois a Igreja “em saída” traz a força e a opção do Deus Trino de se despojar de si mesmo para se reunir e caminhar com seu povo.

A dinâmica irreversível do Concílio Vaticano II encoraja a primavera da Igreja “em saída”, possibilitando o povo santo de Deus atuar na comunhão do seu *sensus fidei*. As características próprias assumidas da Igreja “em saída” à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* avança sinodalmente com o diálogo e a estratégia dos princípios bergoglianos, tornando-se

pobre e para os pobres. A *kenosis* eclesial, os modelos eclesiológicos bíblicos e a renovação conciliar da Igreja elaborados por Von Balthasar enriquecem e colaboram teologicamente, com o novo horizonte para a Igreja se colocar “em saída”.

A reflexão teológica desenvolvida neste livro acentua o cristianismo vivido e protagonizado pelas pequenas comunidades, tratando de possibilitar os processos renovadores nas bases. Essa forma eclesial valoriza a vocação batismal como antídoto ao clericalismo institucionalizado, e descomprometido com a missão profética da Igreja. Portanto, a Igreja “em saída” se coloca em novos caminhos propostos pela força do Espírito Santo, construindo o hoje e as aberturas para o futuro.



Capítulo 1

O Concílio Vaticano II na dinâmica de uma Igreja “em saída”

O Concílio Vaticano II possibilita a leitura dos sinais dos tempos, com uma proposta de Igreja “em saída” e sinodal. Esse caminho tem consequências pastorais, ao empregar a medicina da misericórdia como melhor prática pastoral. Os seus princípios e aplicações pastorais ilustram o testemunho da pobreza evangélica e da cultura do encontro, construindo diálogos e fraternidade. Essa dinâmica é realizada à luz do Evangelho, pelo povo santo e fiel em seu tempo histórico.

1.1. Fundamentos teológicos irreversíveis

A dinâmica irreversível do Concílio Vaticano II propõe à Igreja novos caminhos, abrindo suas portas para o mundo presente. Essa convicção está clara para a proposta da Igreja “em saída”, provocando a práxis pastoral e missionária. Com esse percurso, a fidelidade eclesial do papa Francisco manifesta-se nas linhas teológicas presentes no Concílio (EG 46-49), e propõe a teologia ser feita de joelhos (Francisco, 2015a). Esse movimento exige colocar o avental e abaixar-se aos pés dos feridos reais e existenciais.

A vitalidade e abertura pós-conciliar presentes na Igreja “em saída” está na recepção e consciência primaveril do Concílio Vaticano II, pois “o Concílio conectou a Igreja não somente àquele tempo histórico em que ele se realizava, mas à própria história que revela em seu processo os sinais de Deus” (Passos, 2015, p. 777). Esse caminho se constrói com as ferramentas teológicas conciliares, como do discernimento dos sinais dos tempos pelo *sensus fidei* do povo santo e fiel de Deus.

O Concílio Vaticano II propõe o rosto de uma Igreja mais *glocal*¹ e engajada na situação do tempo presente (GS 1). Com essa leitura, recepção e maturação pós-conciliar, o pontificado sinodal do papa Francisco possibilitou “em saída” dialogar “no” e “com” o mundo. Vivemos uma proposta de iniciativas à luz do Evangelho e com a força do Espírito Santo, mesmo que corramos o risco de cair e levantar (EG 49). A dinâmica eclesial provocada pelo Concílio promove esse pensamento e práxis para a Igreja se colocar “em saída”, continuando a atuar no mundo contemporâneo à luz do Evangelho.

O papa João XXIII expressava a figura da Igreja como “um jardim fervilhante de vida e destinado a porvir glorioso” (Almeida, 2015, p. 8), e nesse jardim brotou a contribuição de um papa latino-americano de pensá-la “em saída” missionária no mundo. Assim, a Igreja não deverá tornar-se uma peça de museu, e sim um jardim florido (Almeida, 2015, p. 9), possibilitando a renovação eclesial permanente. O conteúdo programático do seu ministério petrino presente na *Evangelii Gaudium* promove a eclesialidade, colegialidade, sinodalidade, pastoralidade e missionariedade das letras do Concílio Vaticano II.

No contexto de recepção do Concílio na América Latina, se podem compreender as convicções eclesiais do papa Francisco em propor a Igreja “em saída”, principalmente, com maduras opções adquiridas na experiência pastoral e formado em uma teologia mais próxima e concreta dos menos favorecidos (Miranda, 2019, p. 22). No cerne está uma preocupação

1 Essa expressão *glocal* refere-se à ideia do papa Francisco de vir às bases no movimento de descentralização da Igreja, como, por exemplo, as escolhas das suas viagens apostólicas e preocupações entre as questões globais com as localizadas (Galli, 2017, p. 38). Trata-se de valorizar o caminho construído com as periferias físicas e existenciais, somadas aos seus princípios do tempo superior ao espaço (EG 222), a unidade sobre o conflito (EG 228), a realidade sobre a ideia (EG 231) e o todo com a parte (237).

missionária, e não de funcionalismo eclesiástico com esquemas pastorais ou doutrinários. Por isso, protagonizar novos processos teológicos, pastorais e missionários é possível com a recepção conciliar nas diversas culturas.

O Concílio Vaticano II possui um elemento fundante para as primaveras eclesiais, que é o diálogo. Ele permite realizar novos processos frente aos desafios impostos nos sinais dos tempos. Assim, uma Igreja inserida no mundo se torna mais servidora, ou seja, samaritana (EG 120), prontamente a se abaixar para servir os feridos que encontrar no caminho, como propôs o papa Francisco em entrevista a Spadaro:

Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar alto. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar do resto. Curar feridas, curar feridas... E é necessário começar de baixo (Spadaro, 2013, p. 19).

Essa proposta do papa Francisco, instigando a Igreja a se colocar “em saída” missionária, é uma provocação para a Igreja universal se colocar de joelhos, para a missão apostólica. A humanidade encontra-se num processo de mudança de época dos paradigmas de maneira acelerada (LS 101), provocando questionamentos e incertezas. Assim, a renovação e prática da Igreja necessitam do Evangelho, e não das letras dos manuais doutrinários com seus catecismos. Tal caminho realiza-se através da conversão pessoal, comunitária e pastoral com a força do processo de recepção do Concílio Vaticano II:

O Concílio Vaticano II marcou um importante passo na tomada de consciência que a Igreja tem tanto de si mesma como de sua missão no mundo contemporâneo. Esse caminho iniciado faz mais de cinquenta anos, nos segue estimulando em sua recepção e desenvolvimento e ainda não chegou ao seu fim (Francisco, 2019a).

Ambos os caminhos da recepção conciliar e renovação da Igreja possuem desafios e obstáculos institucionais nas estruturas cristalizadas, como, por exemplo, o clericalismo

dos bispos, padres, religiosos(as) e dos leigos, ou a rigidez das cúrias romana e diocesanas, ou ainda das paróquias, movimentos e pastorais. A partir da eclesiologia do povo de Deus, será possível o antídoto da sinodalidade, para ir ao encontro da humanidade com misericórdia e abrir-se ao novo do Espírito Santo. O processo renovador do pontificado do papa Francisco provoca os teólogos a revisitar a teologia do Concílio Vaticano II e suas teologias posteriores, para avançar em um caminho renovador dos dias atuais.

A teologia de avental e ajoelhada para o serviço do mundo provoca a necessidade do diálogo eclesial com as religiões e as pessoas de boa vontade. Ela, colocando-se com a Igreja “em saída”, contribuirá significativamente para fundamentar as mudanças necessárias da postura pastoral e missionária, capacitando todos os batizados para a convivência no mundo plural. A necessária unidade dos cristãos e do diálogo com o mundo esteve presente na estratégia do *aggiornamento*, pensado pelo papa João XXIII para os trabalhos do Concílio Vaticano II (Passos, 2015, p. 781). *Primeirear*² hoje é o neologismo hermenêutico para reabrir as janelas da Igreja com o processo inadiável da renovação eclesial, unida e dócil às surpresas do Espírito Santo através da peregrinação do povo de Deus.

E qual é essa novidade da proposta da Igreja vestir avental, pôr-se de joelhos para se colocar “em saída”? A novidade está em compreender os sinais dos tempos com as novas realidades que causam as guerras, a dor, o sofrimento, a migração, a indiferença com a Casa Comum, a pobreza, a polarização ideológica e os descartados. Essa compreensão a partir do “ajoelhar” diante das pessoas concretas para escutá-las, curá-las e servi-las. Por isso,

² *Primeirear* é o neologismo usado pelo papa Francisco na *Evangelii Gaudium* sobre a necessidade de a Igreja se colocar “em saída”, tomando a iniciativa de ir ao encontro das pessoas com suas demandas (EG 24).

se faz necessário, como disse o papa Francisco, “a dinâmica de leitura do Evangelho no hoje, que é própria do Concílio e é absolutamente irreversível” (Spadaro, 2013, p. 25). A dinâmica evangélica possui a sua centralidade na misericórdia, impelindo para a Igreja sair de si mesma e das suas sacristias em direção às feridas humanas (EG 33-49), e, assim, “os evangelizadores contraem o cheiro de ovelha” (EG 24).

1.1.1. O povo santo e fiel de Deus

A Igreja “em saída”, vestida com o avental e abaixada, constrói a teologia e a pastoral a partir da base popular. Essa base, presente no conceito povo de Deus, contribui para a construção de pontes e a demolição das muralhas, pois exprime a realidade do povo fiel. Os teólogos, na sua convivência e contato com o povo fiel, poderão sair das ambiguidades que traz o termo “povo”, por causa dos pressupostos ideológicos, e impressionar-se com *in credendo* dele. A proposta da teologia a partir da base popular encontramos no caminhar teológico-pastoral da Igreja latino-americana.

Essa proposta eclesiológica vivenciada e desenvolvida com a teologia da libertação – e na Argentina com a teologia do povo – abre hoje, para a Igreja na sua universalidade, novos horizontes. Trata-se de pensar a fé a partir de baixo para cima, e não do topo da hierarquia eclesiástica. A constituição *Lumen Gentium* expressa a consciência eclesiológica de que a revelação do mistério da Trindade aconteceu na história a partir de baixo com o povo de Deus (LG 9). Nessa perspectiva, a Igreja na América Latina na sua recepção conciliar compreendeu e desenvolveu a eclesiologia com as realidades do povo de Deus, marcadas pela pobreza, miséria, exploração e opressão.

Pensar a Igreja “em saída” é propor a teologia a partir das realidades que prosseguem, se reinventam ou surgem na vida